

A LEITURA DE CONTOS DE FADAS: CONTRIBUIÇÕES PARA A FORMAÇÃO DA CRIANÇA

Eduarda Ferreira LOPES¹

Prof. Dr. Valdemir BORANELLI

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo promover uma reflexão sobre a significativa importância do gênero “conto de fadas” no desenvolvimento cognitivo e socioemocional da criança. Por meio do imaginário é possível conduzir a criança para um espaço de reflexão sobre o mundo que a envolve. Nesse contexto, com base em uma pesquisa bibliográfica, salientar-se-á os aspectos relevantes para a formação das crianças por meio da leitura desse gênero narrativo e, sobretudo, o papel da escola e do educador no desenvolvimento das habilidades e competência leitora para a construção de um espaço crítico-reflexivo que contribua para o crescimento humano da criança e do seu próprio entendimento de mundo.

PALAVRAS-CHAVE

Literatura Infantil; Contos de fadas; Ensino; Leitura

1. Introdução

Nos dias de hoje, com o acesso às tecnologias, as crianças acabam passando a maior parte do seu tempo na internet. Com as variedades de recursos e acessos às informações curtas e objetivas, elas tendem a perder o interesse pelas leituras mais longas, como as que são encontradas nos livros. Muitas vezes, as crianças acabam tendo acesso aos livros de literatura infantil apenas nas escolas. Dentro desse cenário, é de extrema relevância que o professor, na educação infantil, utilize o livro como um recurso pedagógico.

Muitos estudiosos têm se dedicado a pesquisar a importância do uso dos contos de fadas na formação da criança. Bruno Bettelheim, autor do livro *A Psicanálise dos Contos de Fadas*, é um deles. Ele salienta que os contos de fadas ajudam as crianças a se desenvolverem, consolando-as e dando-lhes esperança, pois ao ter contato com a história, a criança se identifica com as personagens, na maioria das vezes, o protagonista, que é aquele que é mais evidenciado na história, que enfrenta dificuldades e obstáculos para chegar a sua glória, sua trajetória inspira a criança a sempre lutar pelos seus objetivos e sonhos. O autor também

¹ Graduanda em Pedagogia pelas Faculdades Integradas Regionais de Avaré (FIRA) – Avaré – São Paulo – Brasil – 18700-902 – loldudalol159@gmail.com

destaca que os contos de fadas contribuem positivamente para o desenvolvimento interno da criança. Em vista disso Lucinea Rezende (2011, p. 46) afirma que:

Os contos de fadas estimulam a maturidade psicológica, pois, por meio deles, a criança pode compreender situações vivenciadas por ela em suas experiências com o mundo, o que lhe fornece um sentido mais pessoal e auxilia na resolução das dificuldades que a oprimem. Encontrar soluções para as situações apresentadas nos contos possibilita à criança superar alguns sentimentos de desesperança, tendo em vista que, geralmente, elas conseguem notar qual história é adequada para a sua vida no momento, e também percebem como enfrentar a situação.

O uso dos contos de fadas na educação infantil é muito importante para que se acabe com o paradigma de que esses textos servem apenas para encantar com histórias mágicas, as quais não farão nenhum sentido para as crianças a não ser entretê-las. É preciso começar se aprofundar no verdadeiro sentido que este tipo de literatura gera para as mesmas, auxiliando-as em seu desenvolvimento pessoal, cognitivo e emocional, na superação de medos, resolução de conflitos, aumentando a sua confiança e ajudando-as entender o mundo a sua volta. Diana e Mario Corso afirmam que os contos de fadas para as crianças são: “[...] recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que indica seu lugar na família e no mundo”. (2006. p. 18).

Diante dos argumentos apresentados anteriormente, pretende-se, neste artigo, analisar o processo de construção dos contos de fadas, suas origens e objetivos; compreender a sua transposição para a literatura infantil e entender a influência que esses contos têm sobre a criança, identificando quais são seus benefícios para o imaginário das mesmas. Alicerçado nisso, o presente trabalho irá abordar conceitos e exibir reflexões a partir de uma pesquisa bibliográfica nas obras de vários autores, dentre eles, Bruno Bettelheim e Diana e Mario Corso.

2. O contexto histórico dos contos de fadas

Sabemos que, até hoje, os contos de fadas fazem sucesso em meio às crianças, com seu mundo fantástico, repleto de fantasias e magias, que deixam as crianças completamente encantadas.

O marco do surgimento dos contos de fadas perde-se no tempo, eles existem desde que começamos a imaginar. No início eram contados oralmente e não tinham um universo voltado ao infantil como conhecemos hoje. Muito pelo contrário, eram repletos de cenas de adultério,

canibalismo, mortes hediondas, incestos e tudo mais que o imaginário do adulto poderia alcançar. Eram histórias transmitidas oralmente e que, geralmente, eram contadas em reuniões sociais, nos campos de trabalho, em festas ou nos demais espaços em que os adultos poderiam se reunir. Nesse contexto, os contos de fadas serviam para alertar sobre algum perigo comum à época.

Os contos de fadas, na forma como conhecemos hoje, datam do século XIX, quando se começou a pensar na criança como sujeito, com suas próprias singularidades e não mais como um adulto em miniatura. “Assim, a infantilização das narrativas tradicionais, transformadas nos atuais ‘contos de fadas’, é concomitante à criação de um mundo próprio da criança e ao reconhecimento de uma “psicologia infantil.” (DIANA & MÁRIO CORSO, 2006, p. 18).

Os contos de fadas se singularizam pelo seu universo mágico, onde tudo pode acontecer, no qual reinam criaturas mágicas como fadas, gnomos, anões, feras que se transformam em príncipes, bruxas más, maçãs envenenadas, abóboras que se transformam em carruagens, fadas madrinhas, varinhas de condão e tudo o que pode encantar a imaginação infantil.

Um dos principais pioneiros dos contos de fadas na antiguidade foi Charles Perrault (1628-1703), contemporâneo de La Fontaine, que registrava seus contos com base nas histórias populares, mantendo suas características violentas. As personagens também eram populares como aldeões, lenhadores, damas e cavaleiros, censurando as partes mais obscuras e sexuais. Seus contos para crianças eram moralizantes, assim serviam de ensinamento para quem os ouvisse. A sua obra mais famosa foi *Contos da Mamãe Ganso*, que continha uma versão do conto “Chapeuzinho Vermelho”, onde neste o lobo saía como vencedor ao final, continha também os contos “Bela Adormecida”, “Barba Azul”, “Cinderela”, “Gato de Botas” e outros.

Um sentido mais humanitário nos contos de fadas surgiu com os contos escritos por Jacob Grimm (1785-1863) e seu irmão Wilhelm Grimm (1786-1859), mais conhecidos como os Irmãos Grimm. Seus contos difundiam a solidariedade, o amor ao próximo e o tão essencial final feliz, mas ainda, existiam aspectos mais agressivos, só que nestes eram personificados em bruxas e lobos. Seus contos possuíam uma estrutura simples e eram baseados, na maioria das vezes, em memórias populares antigas, não consistiam necessariamente na presença de fadas. A maioria deles eram contos de encantamentos, que apresentavam algum tipo de transformação por magia, neste caracterizam-se alguns contos como: “O corvo”, “A Dama e o Leão” e “A Casa do Bosque”. Alguns contos também eram

caracterizados pelo maravilhoso, histórias que apresentam elementos mágicos e sobrenaturais, como os contos de Joãozinho e Maria, O Pequeno Polegar, O Ganso de Ouro, dentre outros.

Destacando-se por escrever contos diretamente ao público infantil e não somente adaptando as histórias já criadas, Hans Christian Andersen (1805-1875), foi considerado o pai da literatura infantil, seus contos são recheados de sofrimentos, que observava em crianças menos favorecidas e pobres. Entre seus contos mais famosos estão “Patinho Feio”, “Soldadinho de Chumbo” e “A Nova Roupas do Imperador”. (SCHNEDER; TOROSSIAN, 2009).

Andersen escrevia sobre a realidade concreta do cotidiano, mesclava o mundo imaginário, herdado de seus ancestrais, com a crueldade e violência que fazia parte da realidade social da época. No início apenas adaptava os contos já existentes. A partir de 1843, começa a publicar contos de sua própria autoria. Andersen foi a primeira voz romântica a contar histórias para as crianças e sugerir padrões de comportamento.

“Para além dessa diferença (a do aproveitamento de elementos reais, pertencentes à vida do dia-a-dia), Andersen vai tornar mais explícitos os padrões de comportamento exigidos pela Sociedade Patriarcal, Liberal, Cristã, Burguesa que então se consolidava. A par desses valores éticos, sociais, políticos, culturais... que regem a vida dos homens em sociedade, Andersen insiste também no comportamento cristão que devia nortear pensamentos e ações da humanidade, para ganhar o céu...” (COELHO, 1991, p. 150.).

No Brasil, uma literatura voltada ao público infantil surgiu entre os séculos XIX e XX, no entanto, uma boa parte dessas literaturas eram basicamente traduções e adaptações dos contos estrangeiros, nesta época destacaram-se os autores como: Carlos Janssen, Manoel Bonfim e Figueiredo Pimentel, este último traduzia os contos de fadas, com traduções significativas, entre elas o tão famoso *Contos da Carochinha*, que reunia uma seleção de contos de fadas europeus, dos Irmãos Grimm, de Charles Perrault e também histórias de origem portuguesa.

Entretanto, o mais importante escritor infantil no Brasil foi Monteiro Lobato, considerado até hoje o fundador deste gênero no país. Uma de suas obras mais famosas para o universo infantil foi *A Menina do Nariz Arrebitado*, conhecido hoje por *Reinações de Narizinho*, uma obra que reúne várias histórias infantis, que perpassa entre o mundo mágico e a realidade e encanta seu público até os dias atuais.

Como destaque brasileiro na produção de contos de fadas, podemos citar as sofisticadas histórias de Monteiro Lobato, nas quais bonecas falam e sabugos de milho se transformam em geniais cientistas. É atribuída a esse autor a publicação de 26 títulos direcionados ao público infantil, influenciando autores contemporâneos como Ziraldo, Ana Maria Machado e Ruth Rocha (SCHNEDER; TOROSSIAN, 2009, p.7.).

A literatura infantil evoluiu para uma produção independente, deixando de ser meras traduções e/ou adaptações, abrindo as portas para a entrada de novos escritores que passaram a criar grandes histórias que habitam o mundo pueril, contanto com grandes nomes da literatura brasileira.

3. A criança e os contos de fadas

Segundo alguns estudos, os contos de fadas começam a realmente prover algum significado para a criança a partir dos quatro ou cinco anos de idade, contudo não sabemos quais contos de fadas são os mais adequados para um momento específico de leitura. Isso depende unicamente da própria criança, pois é ela quem irá internalizar as informações de cada história e achar qual fará mais sentido para ela e para o momento que está enfrentando. Para isso ocorrer com eficiência é importante que a criança sempre tenha acesso ao maior número possível de histórias e seja motivada a perceber que estas podem fazer parte da sua vida.

De acordo com Bettelheim, cada conto simboliza muitos significados diversos, cada um tem a sua singularidade dependendo inteiramente do estágio psicológico do desenvolvimento da criança e dos problemas que ela enfrenta. A criança ao se identificar com alguma personagem não a escolhe pela sua representatividade ser boa ou má, mas sim pelo o que aquela personagem vai representar em sua vida. A criança sempre busca na personagem aquilo que fará um sentido para ela, o que mais irá se caracterizar com aquilo que ela procura e quer se parecer, abstendo-se de um olhar julgador para as atitudes destas personagens.

Isso é notório na leitura, por exemplo, de “João e o pé de feijão” e “O gato de botas”, onde os protagonistas conseguem ter uma vida de riquezas por meio de trapaças e roubos, a criança não julgará estes delitos, mas sim terá um olhar voltado para a situação vivida destes personagens, onde mesmo muitos pobres conseguiram ao final ter uma vida de luxo e riquezas, dando assim a esperança de que por mais difícil a vida desta criança possa ser ela poderá alcançar o sucesso.

Os adultos, mesmo que sejam capazes de imaginar o porquê que tal história formou algum significado para a criança, não devem intervir nessa construção de sentido, pois esta construção é pessoal e faz parte do subconsciente apenas da criança e tentar interpretá-la seria uma forma de invasão. Assim como também não podemos moralizar os contos e muito menos explicá-los, pois isto irá fazer a criança perder o encantamento pela história e não conseguirá por si só internalizar aquelas informações que terão algum significado e que as ajudarão a resolver seus conflitos internos e pessoais.

De acordo com Bruno Bettelheim (2002, p.19) “As interpretações adultas, por mais corretas que sejam, roubam da criança a oportunidade de sentir que ela, por sua própria conta, através de repetidas audições e de ruminar acerca da estória, enfrentou com êxito uma situação difícil”. É característico dos contos de fadas apresentarem estes dilemas existenciais de uma forma simples e clara para que a criança consiga internalizar, sem muitos esforços, por si só.

4. O conto de fadas no âmbito escolar.

O trabalho com a literatura infantil deve ser essencial para formar leitores literários, trabalho esse que não deve ser visto apenas como uma obrigação do professor em sala de aula, mas sim como uma parceria entre a equipe escolar, os pais e as crianças, sempre lembrando que estas devem ser incentivadas e estimuladas a todo o momento.

Os contos de fadas conciliam o prazer com a aprendizagem, são ricos em ensinamentos que ajudam no desenvolvimento socioemocional da criança, são considerados fundamentais, pois além de abordarem temáticas e questões essenciais para a formação plena para a vida, possuem uma composição bastante equilibrada, com uma linguagem simples e de fácil compreensão e assimilação. É através dos contos de fadas que a criança irá desenvolver e estimular a sua imaginação, tornar claras as suas emoções e sentimentos como: inveja, vingança, empatia, solidariedade, bondade, relação com os pais, com os padrastos e madrastas e a convivência com os irmãos, se relacionar com os aspectos de sua personalidade ao se identificarem com as personagens e, até mesmo, desenvolver uma visão maniqueísta do mundo real.

Tais contos auxiliam as crianças a responderem perguntas existenciais que, às vezes, nem mesmo os adultos conseguem responder, isso se deve ao fato dos contos fazerem parte do mesmo universo infantil em que as crianças se encontram. É por meio deles que as crianças irão refletir sobre seus comportamentos, atitudes e suas realidades vividas, de modo a descobrir novos caminhos e, conseqüentemente, tomar novas decisões. Por isso, a escolha

adequada do que será oferecido a elas precisa ser cuidadosa, já que para cumprir o propósito aqui defendido, o conteúdo deverá ser interessante, prazeroso e ao mesmo tempo assertivo.

Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação; ajudá-la a desenvolver seu intelecto e a tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e aspirações; reconhecer plenamente suas dificuldades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. (BETTELHEIM, 2002, P.05)

O professor deve fazer da leitura uma práxis do trabalho pedagógico com as crianças, em especial utilizando contos que sejam capazes de ampliar a visão de mundo e transferir novos conhecimentos, de modo a intervir na formação leitora e humana desta criança.

Para formar alunos leitores e críticos o professor deve apresentar este universo literário e contar histórias com frequência, pois é a partir da audição de histórias que os alunos desenvolverão o gosto pela leitura e assim irão procurar livros e lê-los por conta própria. Salienta-se que o papel da escola é fundamental na vida desses alunos, pois ela é um agente importante para o estímulo à prática da leitura. “O professor quando aproxima seus alunos da leitura e dos contos de fadas está na verdade abrindo a possibilidade de que os educandos possam elaborar e amadurecer sua própria linguagem literária” (MELLO; s/d, p. 4).

De acordo com Mello, a utilização dos contos de fadas é importante, visto que uma grande parte das literaturas voltadas para as crianças são repletas de ensinamentos morais e pedagógicos, muitas delas abordam lições como: cuidado com a natureza; lições básicas de higiene; boa educação no trânsito, como devem se comportar e etc, permanecendo apenas nesse aspecto instrutivo, conceitual ou moralizante.

Porém, as histórias voltadas para o público infantil não devem incluir apenas ensinamentos, ela deve apresentar um enredo que trará prazer ao ser lido, que através dos mistérios e tramas da história, a criança se sentirá mais envolvida e motivada a continuar lendo. Partindo disso, podemos entender o imaginário da criança como uma das peças mais fundamentais para a construção de sua personalidade, descobrindo ligações entre ela e o mundo, auxiliando em sua autonomia e ao mesmo tempo produzindo prazer ao ato da leitura.

O professor, ao realizar uma leitura de um conto de fadas para seus alunos, deve buscar formas para cativá-los, e para isso, a escolha da história é primordial, pois esta deve ser pensada de acordo com o contexto da sala de aula e da vivência dos alunos; deverá principalmente escolher um conto que seja adequado para a sua faixa etária, tendo todo um

cuidado ao contribuir para a construção do imaginário de seu aluno. É importante que o educador saiba fascinar seus alunos, tanto pelas expressões corporais quanto pelas mudanças de vozes a cada personagem ao longo da leitura.

Vale ressaltar que tais contos não podem ser apresentados às crianças sem nenhum embasamento. Em sala de aula, eles devem ser pautados, planejados e contados de uma forma cativante, com naturalidade pelo professor, de modo a promover o gosto pela leitura, porém sem deixar perder os fins pedagógicos para os quais foram escolhidos. É preciso que o professor crie um ambiente propício para a atividade de leitura, onde a criança irá conseguir internalizar aquilo que ouve, despertando assim a sua imaginação, onde eles irão refletir sobre o conto, sobre as personagens que mais se identificaram e conseqüentemente possam aprender a lidar com suas emoções e repensar suas ações e/ou atitudes frente ao contexto em que vive.

De acordo com Rezende e Cruz (2011) “a vivência de tais sentimentos, por meio da leitura, auxilia a criança a superar as etapas do crescimento, possibilitando ampliar sua experiência de vida. Todavia, deve-se ressaltar que, às vezes, a criança pode ficar um pouco confusa entre aquilo que é real e o que não é.” Considera-se que essa confusão tende-se a desaparecer com o amadurecimento da criança, que naturalmente a leva a distinguir o que faz parte do mundo real e do fictício.

Para um uso mais eficiente e eficaz dos contos em sala de aula, Bettelheim (2002), afirma que se deve utilizar de recursos diversos para contar histórias, como teatro ou contação de histórias utilizando objetos, como fantoches, etc. Sempre fazendo uma roda de conversa sobre o conto lido, sobre o que a criança entendeu daquela história, como elas conseguiram interpretá-la, sem intervir no entendimento do aluno.

Embora o professor não interfira no entendimento do aluno, propriamente dito, ele deve contribuir para o desenvolvimento das habilidades e competência leitora, aplicando estratégias de leituras que conforme Isabel Solé (1998) ajuda o estudante a aplicar seus conhecimentos prévios, a realizar inferências para interpretar o texto e a identificar e esclarecer o que não entende. Segundo a autora, a estratégia de leitura se divide em três momentos: o antes, o durante e o depois.

Solé (1998) afirma que antes da leitura há todo um trabalho de antecipação, de levantamento de hipóteses sobre o título, o veículo, o gênero, o enredo, etc. Na fase do “durante”, trabalha-se a confirmação, retificação, ou rejeição da antecipação, busca-se as palavras-chave, as informações implícitas, a localização do tema ou ideia central, entendimento global do texto, entre outros. E por fim, no momento do “depois”, há a troca de impressões e a avaliação crítica do texto, etc

Porém, mesmo diante de estratégias ou metodologias de leitura, não se pode esquecer de um fator importante na construção de sentido da leitura, principalmente no que se refere à produção leitora da criança, pois

Qualquer ação pedagógica que envolva a Literatura infantil está lidando com a Cultura Infantil: o que a criança vê e como ela interpreta só faz sentido dentro de um determinado repertório de significações possíveis, constituídas dentro de uma determinada cultura (familiar, escolar, religiosa, nacional, etária etc.). (UNESP; 2010, p. 137)

Assim quando contamos uma história para a criança, ela irá interpretá-la de acordo com as vivências pessoais e culturais em que se encontra, não se trata de uma imposição da cultura ou de dizer que as crianças estão limitadas aquilo que já dominam sobre a literatura, mas de afirmar que a cultura tem uma atuação significativa na interpretação da criança.

Ao se trabalhar com os contos de fadas, vale atentar-se para essa cultura determinante, que conduzirá a criança às suas conclusões sobre seu relacionamento com o mundo em que vive, as emoções que a toma, o convívio familiar e entre amigos, de modo que tudo se converja para uma leitura crítica e reflexiva que a leva a entender o seu estar no mundo e aprenda a lidar com seus sentimentos que lhe garantam uma vida saudável e feliz.

5. Considerações Finais

Com base nos estudos realizados conclui-se a importância do contato com os contos de fadas no ambiente escolar. É através da leitura e audição de tais contos que as crianças irão fortalecer a confiança em si mesmas e se desenvolverem internamente, sempre com base nas vivências das personagens com as quais elas se identificarem. Os contos de fadas precisam ser compreendidos como participantes do processo de formação integral da criança. Não se trata de uma simples literatura, é uma literatura para a vida.

Para que o trabalho com os contos de fadas ocorra com eficiência, além da escolha correta dos contos, a escola deve contar com um espaço acolhedor, onde a criança irá se sentir estimulada a ler, como uma biblioteca, ou até mesmo a sala de aula. O professor neste caso pode organizar um cantinho de leitura de um modo que fique confortável e agradável para a criança, onde contêm prateleiras com livros e um espaço aconchegante para que a criança possa sentar e ler ou apenas ouvir as narrativas.

É importante ressaltar que deve existir uma parceria entre todos ao redor da criança, este trabalho com a leitura não deve ser apenas responsabilidade do professor, a família também

tem um papel muito significativo na formação da criança leitora e deve ser realizado através de leituras e estímulos à criança também no ambiente domiciliar.

6. Referências

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

COELHO, Nelly Novaes. **Panorama histórico da literatura infantil/juvenil**. 4 ed. São Paulo: Ática, 1991.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

MELLO, Itiane Elena. **O imaginário no cotidiano escolar**. Rio Grande do Sul. s/d disponível em <<https://editora.pucrs.br/anais/Xsemanadeletras/comunicacoes/Itiane-Elena-de-Mello.pdf>> Acesso em 10/01/2020

REZENDE, Lucinea Aparecida; CRUZ, Flávia. **Leitura infanto-juvenil: abordagens teórico práticas**. Vol 1. Londrina: Eduel, 2011.

SCHNEIDER, Raquel Elisabete Finger; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdijan. **Contos de fadas: de sua origem clínica à clínica contemporânea**. Belo Horizonte, 2009. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/issue/view/72>> Acesso em 04/12/2019

SOLE, Isabel. **Estratégias de leitura**. Porto alegre: Artmed, 1998.

UNESP. **Caderno de formação, formação de professores, educação infantil: princípios e fundamentos**. Vol 3. São Paulo: Cultura Acadêmica Editora, 2010.